

EPISODIO NOVE

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como o blues rock de Belchior na voz de Elis Regina.

COMO NOSSOS PAIS, BELCHIOR, 1976

Ao lado de Fagner, Amelinha, Zé Ramalho, Alceu Valença e Ednardo, Belchior era um dos grandes talentos da safra de artistas nordestinos que chegou ao Rio de Janeiro no início dos anos 1970. Nascido em Sobral, onde fazia música desde criança, começou a ser reconhecido em todo o país ao ganhar o quarto Festival Universitário Brasileiro em 1971 com “Na hora do almoço”.

Foi seminarista antes de entrar para a música e seu cardápio era variado. Blues, folk, Dylan, Beatles, cordel e poesia concreta. Com fortes raízes regionais e tempero de vanguarda, a música de Belchior logo acumulou prêmios e reconhecimento. Parceria com Fagner, gravada em 1972 por Elis Regina, a lírica e nostálgica Mucuripe impressionou pela construção musical e pelas imagens poéticas das velas singrando o mar de Fortaleza. Três anos depois, a música consagrada foi pela gravação impecável de Roberto Carlos.

Mas, o maior prêmio veio em dose dupla, e novamente na voz de Elis Regina. Em meio ao arrasador sucesso do show Falso Brilhante, que lotou o teatro Bandeirantes por mais de um ano, dois rocks de Belchior ganharam destaque no repertório do disco do mesmo nome, lançado em 1976. “Como nossos pais” abria o álbum, seguido por “Velha roupa colorida”.

Estrela e militante da MPB, Elis surpreendeu ao cantar rock e blues, e melhor do que qualquer um havia feito no Brasil. Com interpretação rasgada e visceral, “Como nossos pais” foi um sucesso estrondoso,

criticando o atraso da nova geração e provocando a anterior, de Gil e Caetano.

Sobe o som do vil metal

Pegou pesado. Nas gravações seguintes de Elis e de outros artistas, o último verso "guardado por Deus, contando o vil metal" foi amenizado para "seus metais". Por razões obscuras, Belchior renunciou à fama e ao sucesso, abandonando a carreira em 2006 para viver quase nômade pelo Sul do país até sua morte em 2017. No lugar de tanto mistério, a música de Belchior ajuda contar tudo que viveu e o que que aconteceu com ele.

NELSON (V) Disposto a não repetir os pais, um menino da classe média paulistana só queria estar no escuro do seu quarto. Por meio da música, descobriu como ser mais livre e como ser capaz de enxergar um novo dia.

MEU MUNDO E NADA MAIS, GUILHERME ARANTES, 1976

Era um garoto paulistano, que amava bossa nova, Jovem Guarda, Tropicália, Clube da Esquina, rock progressivo e música clássica. A partir de tamanha diversidade, Guilherme Arantes criou seu estilo, seu mundo e tudo o mais.

Filho de um médico cirurgião, que tocava violão, Guilherme descobriu sua veia musical dentro de casa. Crescendo junto com a coleção de discos do pai, ganhou seu primeiro cavaquinho aos seis anos, depois um bandolim e logo começou a estudar piano clássico. Aos 23 anos, foi apresentado ao Brasil em horário nobre na trilha da novela Anjo Mau, de 1976, sua balada "Meu mundo e nada mais" teve grande sucesso e abriu caminho para o primeiro disco solo. Em suas dez faixas, marcadas por seu piano percussivo, suas melodias fluentes e suas harmonias sofisticadas, Guilherme Arantes era diferente de tudo que se fazia na época, tanto na MPB quanto no pop-rock brasileiro.

O mais surpreendente foi a resposta do público a uma balada sombria e melancólica, de um personagem imerso em crise existencial, no escuro do seu quarto, que daria tudo por um modo de esquecer, que só queria a solidão de seu mundo e nada mais, era na verdade um menino de 16 anos,

idade em que Guilherme Arantes compôs a balada que só seria lançada sete anos depois.

Com prodigiosa musicalidade e riqueza interior, nunca deu bola para os estudos e sempre teve a composição como sua meta, criando ao longo do tempo grandes sucessos, como “Deixa chover”, “Aprendendo a jogar”, “Coisas do Brasil”, “Brincar de viver”, “Planeta Água” e muitas outras.

NELSON (V) Quando um coração ferido responde à dor com um samba quase festivo, mas vestido de versos doloridos, a arte de Paulinho da Viola enfrenta a tempestade de acreditar em nm coração leviano.

CORAÇÃO LEVIANO, 1977

Lançado com sucesso por Clara Nunes, “Coração leviano” em 1977, acompanhada por um coro de pastoras, o samba parecia sair de uma festiva quadra de escola de samba, criando um contraponto à dor da desilusão transmitida pela sua letra. No ano seguinte, a gravação do autor, em seu disco solo, Paulinho da Viola, aproxima a forma do conteúdo sob um arranjo mais sóbrio e introspectivo. Apenas ele, seu cavaquinho, o violão do pai, César Farias, o piano de Cristóvão Bastos, o clarinete de Copinha e uma discreta seção rítmica.

Grande sucesso nas rádios, nos palcos e nas rodas de samba, “Coração leviano” tem o toque sofisticado de um estilista da composição, com refinada carpintaria musical e poética. Um samba melódico e melancólico, sobre uma dolorosa separação, tramada em segredo pela amada que parte sem dizer adeus.

Sobe som

No fim de sua década de ouro, a mais produtiva de sua carreira, Paulinho tinha vivido entre os extremos de desilusões amorosas e encontros inspiradores, mas “Coração leviano” não soa confessional ou autobiográfica. Em 1978, ele se casou com Lila Rabelo, com quem veio a ter quatro filhos. A decepção era com a Portela. Contrariado pelos critérios da escolha dos sambas e dos rumos do carnaval, ele se desligou da escola e ficou mais de três décadas longe da quadra, dos ensaios e dos desfiles.

Com a força de uma paixão mal resolvida, Coração Leviano continuou batendo forte. Em 1996, a regravação de Djavan, no álbum Malásia, ganhou um andamento mais ralentado, com discretos sabores da bossa nova, que expressa a riqueza da obra de Paulinho.

NELSON (V) Cantada numa linguagem sertaneja sofisticada e inspirada na religiosidade popular, uma canção sobre perdão, gratidão e justiça, numa procissão musical que uniu o Brasil em forma de oração.

ROMARIA, RENATO TEIXEIRA, 1977

Nos anos 1970, a música sertaneja vivia em um mundo à parte, era chamada de caipira e restrita ao interior de São Paulo, Minas e Goiás. Entre o Brasil profundo e a caixa de ressonância das capitais, a enorme distância foi encurtada pela velocidade do som e pela força da fé.

Com sua voz de extensão nacional, Elis Regina fez o país inteiro acompanhar a Romaria de Renato Teixeira. Gravada em 1977, a toada tocou fundo na alma nacional, evocando a ligação de todo o brasileiro com os céus e a sua terra. Do carioca de Ipanema ao ribeirinho da Amazônia, o “caipira, pirapora nossa” têm as diferentes faces de uma mesma devoção.

Paulista de Taubaté, Renato Teixeira encarna a integração entre suas fortes raízes sertanejas, e sua formação musical influenciada pela bossa nova e pela MP. Ganhava a vida fazendo jingles em São Paulo até conhecer o casal Elis Regina e César Camargo Mariano por meio de seu irmão, Roberto de Oliveira, produtor musical de Elis.

Logo os dois perceberam o potencial daquela fervorosa canção-prece com construção refinada e apelo popular, que transmitia cheiro de terra e mato e a força do sertanejo em sua jornada de fé a caminho de Aparecida. Incluída no disco de Elis ao lado de composições de pesos pesados da MPB, Romaria roubou “a missa”, antecipando em quase duas décadas a explosão sertaneja que impera até hoje na música brasileira.

Com o sucesso, Renato Teixeira pôde se dedicar religiosamente à música, tornando-se, ao lado de Almir Satter, a grande referência da melhor música sertaneja.

NELSON (V) Depois de uma década de repressão política, com muitos presos, mortos e exilados, a ditadura anunciava um início de distensão que levaria à anistia. Numa casa noturna carioca, que já nasceu com data para acabar, todas as tribos caíram na dança, abriram suas asas e soltaram suas feras.

DANCIN' DAYS, RUBAN BARRA E NELSON MOTTA, 1978

Em agosto de 1976, quebrado pelo fracasso comercial do festival de rock, Som e Surfe, em Saquarema, o jornalista, letrista e produtor que vos fala abriu a discoteca Frenetic Dancin' Days, no recém-inaugurado Shopping da Gávea, no Rio de Janeiro, bancado pela empresa dona do shopping para promove-lo.

Até então, o lazer do carioca não passava por discotecas e shoppings. Para promover o novo empreendimento, a administradora decidiu então ceder o espaço já vendido para o futuro Teatro dos Quatro. Assim, a Dancin Days nasceu com os dias contados. Só poderia durar quatro meses, mas se tornou uma lenda da noite carioca, da alegria e da dança, símbolo máximo da Era Disco no Brasil, que inspirou a novela homônima de Gilberto Braga.

Foi ali também que nasceram As Frenéticas, sexteto formado por Sandra Pêra, Dudu Morais, Lidoka, Leiloca, Edyr de Castro e Regina Chaves, que inicialmente, seriam apenas garçonetes, só que não. Além de apenas carregar bandejas, elas queriam cantar três ou quatro músicas no fim da noite. OK. O repertório seria escolhido por mim e ensaiado por Roberto de Carvalho. Tudo era improvisado e desprezioso, mas, logo na estreia, o sucesso foi tão grande que o repertório e o público aumentavam a cada noite. De domingo a domingo, a casa lotava para vê-las cantas.

Quatro frenéticos meses depois, encerrado o empréstimo do espaço da discoteca, elas foram cantar para o Brasil inteiro. Contratadas pelo Warner, da noite para o dia, viraram grandes estrelas populares, não como imitação na disco music americana, mas com elementos de rock,

escola de samba e teatro de revista, com sensualidade, atitude, irreverência e provocação.

Da madrugada para o horário nobre, ganharam a abertura da novela das oito. Atendendo a uma encomenda do diretor Daniel Filho e do autor Gilberto Braga, compus o tema em parceria com o pianista Ruban Barra em pouco mais de uma hora, no clima de excessos da Era Disco, como se estivéssemos doidões na pista do Dancin'. Com uma batida superdançante e um refrão irresistível, a música popularizou expressões e um estilo de vida que convida todas as gerações a cair na gandaia e a entrar na festa.

NELSON (V) De um comentário de Roberto Carlos, Caetano Veloso fez mais uma grande canção, homenageando o artista e sua voz, e as estranhas forças que o levam a cantar.

FORÇA ESTRANHA, CAETANO VELOSO, 1978

Caetano teve a inspiração para compor Força Estranha num encontro casual com Roberto Carlos nos corredores da TV Globo. Depois dos abraços e elogios recíprocos sobre a boa forma de ambos, Roberto, então com 37 anos, comentou mais ou menos assim: "Artista nunca envelhece, morou, bicho?". Com a frase na cabeça, pensando na voz e no estilo de Roberto, Caetano fez o tributo à arte, à vida do grande artista e a estranha força que o leva a cantar.

Com essa canção mística e mítica, lançada em 1978, Caetano completava a trilogia dedicada a Roberto, iniciada com a política "Como dois e dois" e a sentimental "Muito romântico". "Força estranha" é uma bela balada com tempero blues e refrão poderoso, feita sob medida para o homenageado mostrar a força de sua própria voz e de seu estilo. Na gravação, sentiu que faltava um complemento para a frase "por isso essa força estranha" e acrescentou "no ar".

Caetano adorou e incorporou à música daí em diante. Ao lado da balada de motel, "Café da manhã", foi o maior sucesso do disco de 1978, mas comoção causada por "Força estranha" seria ainda mais aguda na voz de Gal Costa. Incluída no disco "Gal tropical", a versão soava original, como se tivesse sido feita para ela. O repique do sucesso dava razão a Caetano. Há uma força estranha que desafia o tempo e une grandes artistas na dimensão da eternidade.

NELSON (V) Apesar da dura poesia dos anos de chumbo, a explosão de cores do tropicalismo gerou um hino de afeto a São Paulo e às suas belezas e contradições.

SAMPA, 1978, CAETANO VELOSO

Lançada em 1978 no disco *Muito*, um dos melhores da carreira de Caetano, esse samba-paulista virou uma espécie de hino informal de São Paulo. Vindo de outro sonho feliz de cidade, o baiano de Santo Amaro aprendeu depressa a chamar de realidade a supermetrópole onde morou com Gilberto Gil desde época dos grandes festivais até a prisão e o exílio depois do AI-5.

Apesar da separação traumática, São Paulo e sua cultura cosmopolita ficaram na cabeça e no seu coração, que encontrou na cidade influências intelectuais e parceiros para toda a vida. O sentimento inesperado, que só acontece quando cruza a Ipiranga com a Avenida São João, foi extraído de um trecho do clássico *Ronda*, de Paulo Vanzolini, em levada de samba-paulista. A partir da citação, Caetano desenvolveu um mosaico de referências e memórias do melhor e do pior de São Paulo. Do choque inicial com a cidade de concreto ao seu progressivo encantamento com a vitalidade da grande capital, movida pelo trabalho, pela diversidade e pela grana que ergue e destrói coisas belas.

Com gravação e arranjo que remetem aos regionais de samba e ao choro paulista, “Sampa” é o avesso do avesso do saudosismo e da nostalgia. Num tributo emocionado, Caetano fez uma espécie de list song, citando explicitamente alguns ícones da cidade, como Rita Lee, a sua mais completa tradução de São Paulo, e os Mutantes. O verso “vejo teus poetas de campos, espaços” homenageia os irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Outro escritor ligado a Tropicália, Joás Agrippino de Paula é lembrado pelo título do seu livro, *Pan-América*. Duas citações no verso “tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva” se referem ao livro de estreia do compositor Jorge Mautner, *Deus da Chuva e da Morte*, e ao teatro *Oficina de Zé Celso* Martinez Correia.

Tanta sofisticação não impediu que “Sampa” virasse um sucesso imediato popular nas rádios de todo o Brasil e item obrigatório em qualquer lista de clássicos de Caetano.

NELSON (V) Da memória de seus piores momentos Caetano Veloso fez uma de suas melhores canções, inspirado pela grandeza e a beleza do planeta e do cosmos diante da pequenez humana.

TERRA, CAETANO VELOSO, 1978

Em 1978, depois de 14 anos de ditadura militar, o presidente Ernesto Geisel iniciava a polêmica transição política que chamou de lenta, gradual e segura, com o desmanche da rede subterrânea de tortura e o abrandamento da censura.

Caetano usou o primeiro verso da canção para testar os limites da censura, falando de sua prisão, e que antes seria um tabu. Da pequenez do carcere ele se deslumbra diante da grandiosidade e o esplendor azul e feminino da Terra dançando no infinito.

Do confinamento abjeto, Caetano se transporta poeticamente para o universo do amor, da liberdade e da grandiosidade cósmica, viajando por planetas e constelações que orientam o romance astrológico de um leão de fogo com uma menina do signo terra.

Com frases musicais sinuosas e clima denso, a canção não foi um sucesso popular, mas provocou profunda emoção em crítica e público, marcando um tempo de recomeço e de esperanças.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, as dúvidas e as expectativa sobre o amanhã, a exposição do talento de Gonzaguinha e o grito de João Bosco e Aldir Blanc pela anistia. O pop rock de Rita Lee encanta o Brasil. E outras canções que alegraram nossas vidas.